

COISA FiNA: MULHERES MAIS NA LITERATURA CAPIXABA

FiNA SOMETHING: WOMEN MOST IN LITERATURE FROM ESPÍRITO SANTO

Camila David Dalvi*

AFiNA produtora, fundada em 2014 por Fernanda Nali, tem, durante esses pouco mais dez anos de existência, promovido eventos culturais que exploram diversas linguagens; sendo, portanto, multiartísticos.

Muitos de seus projetos — em grande parte financiados por editais de cultura — abrangem música, produção de eventos, edição de livros, oficinas, espetáculos, exposições, direção criativa, curadoria etc. A capacidade de gestão e realização de eventos da produtora tem estado mais visível a quem acompanha a cena cultural capixaba.

É nessa toada que se propõe aqui não só chamar atenção para a FiNA com esse rico conjunto de ações, mas também, especialmente, para duas escritoras capixabas que passaram pelo seu cuidadoso trabalho editorial muito

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

recentemente. Nota-se a qualidade do texto e da edição das obras, que, certamente, convidam à leitura.

Fernanda Nali

A primeira delas é a própria Fernanda Nali — licenciada em Letras, mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo e doutora em Teoria e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Sendo pesquisadora na área de Letras e tendo experiência também na cena musical, dedica-se a ações importantes na cultura do estado — e isso antes mesmo da FiNA. Sua estreia literária se dá em 2018, com a publicação de *Território inominado* (Editora Cousa), após ter sido, o texto, contemplado em edital da Secretaria de Cultura.



Capa de *Território inominado* e retrato de Fernanda Nali (Foto de Tom Boechat).

Igualmente selecionada em edital de difusão de obras literárias, sua segunda obra, objeto da atenção aqui, foi formatada e difundida em 2024 e lançada coletivamente em 2025 pela Secretaria de Cultura do Estado. Agora em versos,

preparada pela FiNA. Trata-se de um belo conjunto de poemas bem talhados, com uma linguagem poética muito própria, concisa, capaz de explorar o signo linguístico. Há refinados jogos de palavras e a presença vasta do termo *sombra* e similares — fazendo jus à sombra que se ergue no título e filtra a luz fazendo espectros de significação para as folhas do livro. O texto é dedicado à “menina tateando, ainda, palavras nas páginas. / E para minhas avós, irmãs e minha mãe”, em evocação a vozerios de mulheres, na ressonância com a experiência da vida, sem que se retenha à exploração única desse tema. O livro divide-se em quatro partes: “Horrível semelhante enormidade”; “À sombra da palavra”; “Interior litoral”; e “A sombra íntima”. Os poemas abordam temas políticos, sociais, ambientais — e assim demonstram o olhar crítico de Fernanda para a realidade — tanto quanto fazem entrever, num jogo de luzir a apagar, relações íntimas, com textos delicados (ou nem tanto assim) sobre afetos e erotismos.

Não escapa à percepção o estilo da autora em explorar bordas, alturas, margens, espaços, territórios, curvaturas, linhas, barras, terra, vazantes, correntes, pedras, ímãs, mares, praias, águas etc. E toda essa geografia poética entremeia-se de texturas, cores e sons. Cria-se um laço entre natureza, do corpo e dos espaços físicos; laço este que se afina — também no sentido musical — em tons e luzes refletindo cores. Há muitas imagens capixabas inclusive, das bonitas, relacionadas ao mar, ao mangue, às águas e aos barcos. Existe um prazer sensorial na leitura-costura dos poemas táteis, enriquecidos por intertextos com outros escritores (Hilst, Cacaso, Leminski, Graciliano...) e metalinguagens.

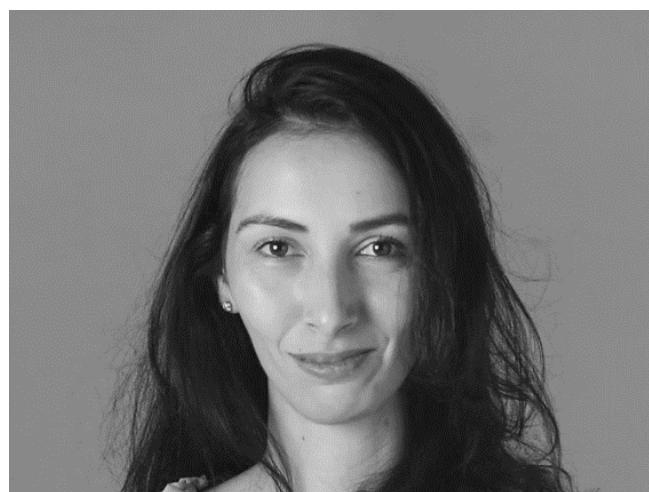
Entretanto, além da qualidade poética, salta aos olhos a materialidade da obra, criteriosamente pensada. A capa, de Werllen Castro com fotografia de Inge Poelman, alude à temática da sombra — em sua duração, seja ela no tato, por ser espessa e quase dura às vezes, ou no tempo, pela sua constância — com tons escuros e um título em alto relevo, que permite perspectivas diferentes de olhar a depender do ângulo, da luz, figurando “o conhecido jogo de pique-esconde: algo que se ocultou, e cabe ao leitor descobrir o que se encobriu”,

conforme aponta Wilberth Salgueiro (2024) ao abrir a orelha do livro. Além disso, há jogos de luz e breu com alternâncias de páginas pretas, brancas bem como de pretas-brancas, o que harmoniza na edição com imagens e fotos — de Marcia Gadioli, Leonardo Merçon e Tom Boechat — a rechear o livro e a torná-lo um trabalho visual a ser experienciado/experimentado.

Os textos sugeridos na seleta, portanto, tal como se apresenta aqui, servem de um pequeno aperitivo que não faz jus à beleza da obra integral, diante dos olhos, como se pode imaginar pelas descrições e pelas imagens a seguir:



Capa de *A duração da sombra* com imagem de Tom Boechat (2024, p. 46-47).



Fernanda Nali (Foto de Tom Boechat).

O movimento de trazer à tona o trabalho de poeta de Nali liga-se ao vivo interesse de atentar para a escrita de mulheres capixabas, a fim de que sejam cada vez mais lidas e conhecidas por seus trabalhos.

Junia Zaidan

Sendo assim, convém chamar atenção para uma estreia literária também produzida pela FiNA, com toda riqueza de detalhes pensada para a integralidade da obra, em sua combinação entre texto e materialidade. Trata-se do livro de contos, *Guia anônima* (2022), da professora e pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo, Junia Zaidan, que tem se mostrado aguerrida também quando se trata de lutas sociais.

Esse seu início como autora de textos literários ocorre após anos de escrita acadêmica consolidada em virtude de sua atuação como pesquisadora. O texto foi premiado pelo edital da Secretaria de Cultura do Estado e, na sequência, foi realizado em conjunto entre a FiNA e a Editora Cousa; e o resultado é igualmente cuidadoso, com direito a ilustrações do conhecido artista plástico Luciano Feijão e traduções de dois contos para o inglês, realizadas e revisadas em uma dobradinha da autora com Maria Bernadete Morosini. Junia traduziu “Velhice em degredo” (“Old ange in exile”), e Maria Bernadete revisou. Já na troca de papéis, Bernadete tem sua tradução de “A Mulher albina” (“The Albino woman”) revisada por Junia.



Junia Zaidan (Foto de Ana Flávia Fernandes)



Capa e quarta capa de *Guia Anônima* (2022).

São 17 contos que compõem o livro. Neles, há uma série de temas contemporâneos e complexos de nossa sociedade, seja os que se referem à condição da mulher (seus enfrentamentos, o machismo, suas relações afetivas, o poder de seus corpos, estupros, assassinatos), seja os relativos a tensões políticas, econômicas e sociais. Todas essas questões são caras à autora e

irrompem em seu texto dentro de um estilo próprio que plasma tensão, claustrofobia e outras sensações evocadas nos leitores — como é o caso do comentado texto que abre e dá nome ao livro, “Guia anônima”, escrito sem sinais de pontuação, sem pausas, sem respiro, em um ritmo ofegante. A expressão *guia anônima* reaparece em outros contos do livro, reiterando a teia significativa da obra.

Na ocasião de divulgação do lançamento da obra, no site da própria Secretaria de Cultura, são feitos os seguintes apontamentos:

Com 17 narrativas que trazem para o centro da cena personagens fortes, a sexualidade e a morte são dois grandes temas que se apresentam a partir e em torno das condições psicológicas, sociais, materiais e políticas que constituem a mulher na sociedade, com emancipação possibilitada pelo reconhecimento do corpo e do orgasmo. Questões políticas e de conflito de classe, tocando ainda em contradições que envolvem religião e instituição familiar, também constituem uma espécie de matriz de escrita, indissociáveis dos episódios, mesmo os mais íntimos, mais secretos, mais privados, que, não raro, recobrem a leitura, a escrita ou mesmo a tradução, tema caro à autora.

Neste terreno, o anonimato em sua acepção de invisibilidade se dispersa, potencializando a construção de uma presença afirmativa, que passa primeiro pelo reconhecimento da violência constitutiva dos sujeitos: daí se depreende a não nomeação de qualquer mulher protagonista nos contos (SECULT, 2022).

Outro aspecto que enriquece o livro é a orelha escrita por uma voz apócrifa, criada pela própria autora, chamada Liosa Proverbio, que assina tal texto introdutório em Vitória-ES, na data de 10 de maio de 2043, vinda do futuro, sendo ela, inclusive, personagem que intitula o último conto do livro, pelo qual ela guarda “modesta preferência, por razões óbvias”. Liosa afirma: “Cheguei a duvidar se seria a pessoa mais indicada para estas breves palavras [...]” ou ainda comenta como os temas se sobressaem ao estilo, pois se trata de “temas recolhidos de um cotidiano em tempos idos e a nós agora entregues em escritura: morte, desejo, instituições em ruína, pobreza, política, amores, leitura, violência”. O texto fecha afirmando que, embora haja nomes aos personagens, o que prevalece é “o traço de anonimato que a percorre, inscrevendo o feminino”, o

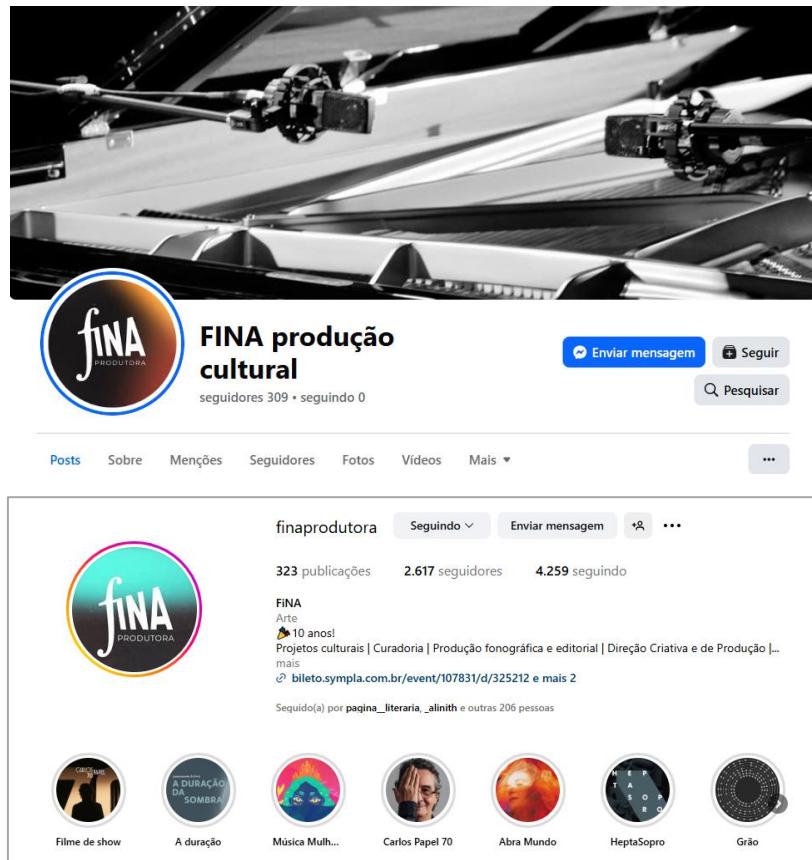
que leva a pensar a realidade — geral, generalizada, generalizante — das mulheres em nossa sociedade. Essa mesma personagem, em seu conto, interage com o leitor, dando a ele possibilidade de participar de posicionamentos acerca dos fatos narrados que, segundo Proverbio, “não se trata de ficção” (ZAIDAN, 2022, p. 113). No texto, a personagem descreve uma série de moradores da vizinhança da casa onde morou durante quatro anos, tempo de duração de seu casamento. Os subtítulos do conto reportam-se a essas pessoas e outras a elas relacionadas: todas são personagens de contos anteriores do livro. Assim, a autora – e, aqui, a Junia – costura mais pontos na construção interna da obra e cria uma atmosfera apócrifa.

A dedicatória do livro, semelhantemente ao que se nota em *Fernanda*, é à mãe — figura feminina importante para Junia, que, como já se sublinhou, não foge às discussões inerentes à condição feminina na sociedade. Outra particularidade é o pequeno texto “Primeiro, conto”, posicionado antes do sumário e da dedicatória. Zaidan conta — e aí já se começam os exercícios ficcionais enredando realidade e criação — um sonho em que alguém invade sua casa segurando um grande objeto — uma máquina de escrever — e corre em fuga não sem ouvir alguns desafetos da personagem em três línguas diferentes (português, inglês e francês). Segundo Zaidan, o sonho “sobreveio em 2020, durante longo período de isolamento, na casa invadida” (ZAIDAN, 2022, p. 7). Tal acontecimento narrado é a escolha para preâmbulo dos contos escritos antes ainda do referido ano.

Guia anônima agradou em seu resultado pela qualidade, o que o levou até a posição de finalista no prêmio Jabuti de 2023. Uma felicidade para os capixabas; um quinhão a mais para a produção feminina e, consequentemente, para a literatura.

Finda-se, assim, esta breve apresentação da FiNA, à qual devemos prestar atenção, de Fernanda Nali, escritora e produtora cultural — entre outras coisas

mais — e Junia Zaidan. Abaixo uns aperitivos para dar um gosto de querer mais ler.



Prints das páginas da FiNA nas redes sociais.

Referências:

FiNA produtora. Disponível em: <<https://www.instagram.com/finaprodutora/>>. Acesso em: 6 ago. 2025.

FiNA produtora. Disponível em: <<https://www.facebook.com/naliffernandanali/>>. Acesso em: 7 ago. 2025.

NALI, Fernanda. *[Obras]*. Disponível em: <<https://www.fernandanali.com.br/>>. Acesso em: 6 ago. 2025.

NALI, Fernanda. *A duração da sombra*. Vitória: FiNA, 2024.

ORGULHO capixaba. *De Cachoeiro para o Brasil: Junia Zaidan é finalista no Prêmio Jabuti*. Vitória, 12 dez. 2023. Disponível em:

<<https://orgulhocapixaba.com.br/de-cachoeiro-para-o-brasil-junia-zaidan-e-finalista-no-premio-jabuti/>>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SECULT-ES. 'Guia anônima' marca a estreia da linguista, tradutora e professora Junia Zaidan na ficção. Vitória, 30 maio 2022. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/guia-anonima-marca-a-estreia-da-linguista-tradutora-e-professora-junia-zaidan-na-ficcao>>. Acesso em: 6 ago. 2025.

ZAIDAN, Junia. *Guia anônima*. Vitória: FiNA; Cousa, 2022.

SELETA

A duração da sombra (2024), de Fernanda Nali⁴²

PARTE I: Horrível semelhante enormidade

V.

Fechar como se para a luz
os olhos. Ouvir um som
[por engano?]
A turba atenta
à cor retinta.
Antes sentir-se
na escuridão
e não ouvir menos
que o último som:
tiros de fuzil – oitenta.
Estivessem os ouvidos abertos
ainda o riso que porta e ostenta
o escusável medo
a violenta emoção.
Fechar-se como se para luz
nas veias descarnadas,
os sons.

(NALI, 2024, p. 21)

Contendas brasileiras

I.

terra quando renda
ao dono
tudo
drena

⁴² Para a seleta referente a Fernanda Nali, escolhemos três poemas pertencentes a cada uma das quatro partes do livro.

as vazantes, as correntes
festa de riqueza!
o que nos resta?
uma
fresta:
à venda
gestante das sementes.

(p. 29)

II.

não importa que uma casa
seja feita tijolo a tijolo
massa corrida, tinta nas paredes
a laje coberta por telhas
janelas gradeadas, portas com trinco

se dentro há
um menino, seus primos
distraídos ou não no jogo
de *bang-bang* no aparelho
adultos fardados podem

entrar na brincadeira

*[tiro ao alto,
tiro ao alvo
tiro ao peito]*

(p. 30)

PARTE II: À sombra da palavra

1.

O que não disse
saliva salobra
se desloca da boca,
soporosa,
até o chão.

A temperatura
em queda

a torna sólida.
Tanto é o que não
se expressa quanto
tantas são agora
essas pedras.

E que estranha
vereda pavimentam
irmãs e imãs
e que nessa estrada
ao nosso olhar
se reacomoda.

Água que se oferta
esconsa — na fenda
da rocha — brota.

(p. 37)

2.

Descansa,
na linha d'água,
certa palavra:

meso-submersa
nelumbo-pétala
anêmona náufraga.

Tomada
por essa falta,
minha boca cicia.

Desenha
com a língua,
sua forma ágrafa.

(p. 38)

[Para ser o poema]

Para ser o poema
rastro de uma presença
menos minha, mais do outro.

Da minúscula criatura retrátil
quando na areia se aterra.
Partícula que atualiza num átimo
uma ausência na órbita do átomo.
Pausa mínima fora do compasso.
Mímica que antecede o abraço.
Intervalo do que chega quase
— sendo apenas porque provável.

(p. 43)

PARTE III: Interior litoral

[Queimar navios]

Queimar navios
mas preservar intacto,
um ou dois barcos de recuo.

(p. 54)

Minúsculas criaturas

Ao fundo a linha infinita brilha
tal como uma cidade se acendesse
— a vemos então na noite escura.

Ilhas ferríferas, submarinos cujas quilhas
submersas em forma de colina sustentam
troncos de lataria e galhos geométricos

que avançam sob a superfície encrespada.
Tunantes, misteriosamente flutuam,
como tudo no mundo.

São gigantes que infiltram à enseada
entre minúsculos corais e anêmonas,
imunes à curvatura do espaço

e desatracam-se antes que se repare,
dobradas de dimensão e peso,
com seus cascos de mármores.

(p. 55)

[A filha de minha amiga]

A filha de minha amiga
ou filho (não se sabe)
para depois de nascida
agora ainda é antes.

Já germina: enigma
susto, algum perigo.
No avesso da barriga
um mundo: o mais
perto distante.

Involuntária
a placenta distende
semente, grão, raiz.
E móvel batuca: surdo,
tambor, tamborim...
Reacomodando o ouvido
a se voltar ao que diz
Este profundo dentro
(a língua útero)
que ao mesmo tempo
devora e é alimento.

(p. 63)

PARTE IV: A sombra íntima

Corpo

1. Tocam as mãos — esse aparato para o tato —
o meneável frêmulo — primeira manufatura —
e dedilham — como abertura — o úmido períneo —
inundando vasos e nervos
de assoalho tão delicado.

A palma abraça o prepúcio.
Esse movimento lavrado
modula a temperatura das manilhas e falo.
Como instrumento meu, corda e sopro,
toco também com a boca:

dentro o membro, prenhe, dura.

A língua, à viscosa água, saliva:
_Arfa. Espasma. Goza.
Chama o meu nome.
Depois reclama que me abra
sobre a carne, novamente, dura.

(p. 74)

[Já é natural que eu escolha]

Já é natural que eu escolha
cuidadosamente a roupa
com a qual você se desconcentra.
Quando reclinam seus olhos
e se fixam na altura do meu colo
desatento ao que falo
Não põe reparo
que enquanto me entrego
como quem desliza à rima
o céu baixa nos tetos
e se escora em fiapos.

(p. 78)

[Um dia a gente ia ser]

Um dia a gente ia ser
Leminski ou Cacaso.
A obra entre o rigor e o descaso.

Depois,
não dando pra poeta
Virginia, nélida, clarice já dava pé.
Orlando, macabéa, uma penélope qualquer.

Por fim, na metrópole ou província
por trás de tantas...
Um dia a gente ia ser homem,
não fossemos mulher

(p. 88)

Guia anônima (2022), de Junia Zaidan

“Juliano chorando”

Consigo falar com ele depois de amanhã, no almoço. É quando vai estar descansado, vai ter dormido o suficiente. Sábado é mais propício para notícias ruins, ainda que o sofrimento se arraste pelo fim de semana, quando as mensagens vão começar a chegar e o telefone a tocar com os convites para irmos ao churrasco na Elisa, onde vai estar todo mundo; ou ao festival do Bergman no SESC, quando íamos finalmente ver Morangos juntos; mesmo que o intervalo de sábado até domingo à noite possa fazer parecer ainda pior, crueldade duplice, já que ao choque do meu comunicado se somará a melancolia típica da semana que começa e da ausência de possibilidades.

Uma explicação que reputei definitiva para felicidade, emprestada de uma Mrs. Dalloway contemporânea, forjada por Cunningham, no romance *As Horas*: a Clarissa dele evocava as reminiscências de um tempo em que experimentara o que chama de sensação de possibilidade, como se ali fosse o início de tudo o que sempre esperara. Só para se dar conta, muitas décadas depois, de que não fora ali o começo de nada, mas a própria felicidade em seu auge, traduzida nessa sensação de que tudo era então possível. E isso faltará ao nosso sábado e domingo, quando já terei esgotado para Juliano toda possibilidade. Faltará ao resto de nossa história, há muito reduzida a sexo, refeições, cama e um ou outro evento social. Nenhuma possibilidade exorbitante, própria daquela que faz a vida pulsar. Nenhuma imprevisibilidade prenhe de acontecimentos, mas um amor sossegado, seguro, que transforma os consortes em peças de uma engrenagem, ranhuras escavadas em um e no outro pelo tempo, pela intimidade, pelas possibilidades reduzidas ao que parecia já garantido. Casais como casas de troncos falquejados de araucária.

Talvez esperar até segunda. Ou quem sabe antecipar a conversa para amanhã mesmo, sexta. Para que adiar ainda mais? Já está tudo pronto. A sensação familiar já experimentada três ou quatro vezes nesses anos todos, de

que o adiamento se justificava diante do insólito, uma espécie de respeito em seu formato mínimo, que alguém talvez chamará de amor. Fosse Juliano como os demais homens que tive, hesitaria menos? Não são mesmo todas as histórias assim, imperfeitas? Mas não ao ponto de apagarem a calma que seu toque sempre me trouxe, a segurança de tê-lo invariavelmente me esperando.

Esse nosso encaixe tornando-me transigente, incapaz de imputar-lhe a infiltração de dores que sequer sabia ter. E o instante em que me dei conta de que, sim, afigem-nos males de homem e mulher. A certeza esquia que me põe à sua procura. Sim, romperemos, no sábado.

Não tem hora boa, já pensei em todas as alternativas e sei que, em pleno inverno, qualquer dia vai ser impiedoso porque pede recolhimento. A não ser que aguardasse o tempo quente. Quantas semanas faltam para a primavera? Sinto o peso das costas e nádegas de Juliano, que se escora em toda a extensão de meu dorso, como se eu fosse o espaldar da cadeira em que se alinha e encaixa, ereto, procurando uma posição melhor na cama em que estamos, lendo, antes de apagar a luz. Entrelaça aos meus seus pés enormes e macios, que sempre amei. Não estou com sono? Quero ver um filme junto? Sem se importar com minhas respostas às perguntas que ele mesmo roboticamente me fez, mexe no celular, absorto e alheio ao pouco tempo que restará para dormir, antes de se levantar às cinco, na manhã seguinte, para abrir a loja onde trabalha, em outra cidade.

Na trama que construo para nossa conversa ainda por vir, simultânea à distração de Juliano tensionando o corpo sempre quente junto ao meu, flagro esse homem num sábado, transtornado ao ouvir de mim a notícia e se aperceber dessa mulher à sua frente, enquanto desvia o olhar, tenta mudar de assunto para depois passar a andar pelos cômodos, como que ocupado, mas visivelmente sem rumo e com os olhos marejados. Na cama, interrompe, sem saber, minha divagação sobre sua reação futura quando se afasta e repousa o celular no aparador lateral improvisado com nossos livros, agora unidos em uma pilha, de propriedade já indistinta, que demoramos anos para tomar a decisão de misturar. Estende a mão e alcança o carregador do celular, que já encaixa na tomada, e a máscara com que sempre cobre os olhos para dormir. Tudo milimetricamente calculado, exatamente como o espaço da

oficina improvisada que montou quando nos mudamos para esta casa onde finalmente tentamos dar alguma forma ao nosso jeito de ser casal: prateleiras pretas de aço montadas de um lado, onde mantinha, organizadas, argila, cera e alguma madeira que utilizaria em suas esculturas; uma enorme estação de trabalho em fórmica azulada, impecavelmente limpa, encostada na janela que dava para as folhagens no fundo da casa; sobre ela, a pequena caixa de couro em que guardava o canivete retrátil que fora do avô, já falecido, uma espécie de memento que parece ter colocado ali para lhe dar sorte, retirá-lo da inércia e levá-lo a finalmente concretizar alguma coisa. Numa das paredes, pendurava um quadro de cortiça com fotos das esculturas que um dia faria, listas de materiais que encomendaria, cartões de visita que entregaria; em volta do torno que comprara pela internet e que, depois de alguns meses, ainda não havia usado, colocara duas cadeiras. Tudo intocado. No pouco tempo que tinha fora da loja, vinha dedicando-se à leitura do manual de instruções, bem como à limpeza diária do torno. Faltava àquele espaço o caos comum ao artista, certa desordem que espelha um estado emocional e cognitivo não linear, a perturbação errática do processo de criação. Vira-se para mim e, com a máscara já sobre os olhos, distancia-se do meu corpo. 'Boa noite, meu amor, você tá lendo o quê?'

Tão difícil quanto falar com ele de separação será não falar com mais ninguém. É assim que vai ser. Porque, se ninguém souber, ninguém vai querer vir me contar de Juliano chorando, de Juliano que não apareceu para abrir a loja, que não se alimenta há dias, mesmo quando mamãe tiver ido, condoída, oferecer-lhe uma palavra amiga acompanhada do bolo de que ele sempre gostou e o encontrado catatônico em meio aos tijolos de argila ressecada espalhados sobre a fórmica, com os braços apoiados no torno ainda sujo e os olhos fixos no calendário pendurado no quadro de cortiça, em cujas margens fazia anotações que ninguém decifrava. Desalinho exclusivo na paisagem sempre tão ordeira, que talvez fosse o aceno único de uma latência, uma intensidade que uma hora irromperia em arte. Não me contará mamãe de seu diálogo com ele. 'Em que peça está trabalhando?', 'Mas como assim não vai nunca conseguir esculpir, meu filho? Não fica assim, Juliano, você é tão jovem, ela não merece seu choro. Ninguém me imporá o flagelo de sabê-lo morto-vivo, sem rumo e vulnerável a qualquer louco que aparecer para levá-lo na conversa pegando seu dinheiro, roubando sua arte,

explorando seu tempo com pedidos para que conserte o computador, que instale o ar condicionado. De sabê-lo suscetível à troça que sempre fazem de suas excentricidades, aos cochichos nas suas costas; humilhado ante ao vaticínio desalmado de que jamais conseguiria um dia ganhar a vida como escultor; de que, sobretudo agora, com mais esse rompimento, estaria para sempre condenado àquela gerência de loja de eletrodomésticos que nunca de fato escolhera.

Não contar a ninguém, uma decisão baseada na fraseologia que Juliano terá me legado quando já não estivermos juntos. "O segredo do sucesso é o segredo", seu tom didático me fazia rir da frase tosca e quase crer, ainda que eu não soubesse a qual sucesso exatamente eu aspirava. Talvez a uma vida a dois "mais compatível", expressão que um pretendente um dia usou, para se dizer partido melhor que Juliano para mim. Sem saber da ruptura do casal que está junto há dez anos, não vão tentar me ajudar, apresentando-me o Antônio, que acabou de se separar, tampouco vão querer me aconselhar sobre a importância de já arrumar alguém por causa da idade em que estou. Você tem que pensar no seu futuro, alguém para envelhecer junto. Não terão a chance de enunciar.

Restarão a esses a especulação e a detestável curiosidade mal disfarçada de sempre. Será que Juliano a traiu? Claro, é a primeira hipótese que aventarão. Ela deve estar furiosa e ressentida, mas talvez o perdoe, ele é bonito e inteligente. Talvez ela é que tenha se aventurado em outras camas, o que não seria novidade e, vamos ser sinceros, nem surpresa, pois conhecemos muito bem sua história torta, os momentos bem desavergonhados que teve a petulância de viver, já com uma filha grandinha, logo depois da morte do primeiro marido. Juliano se mexe do meu lado e encosta os quadris na minha coxa. É eu dar uma mexidinha e ele, meio sonâmbulo, arrancar minha roupa e subir em mim. Nesse terreno nosso em que intercalam-se o transparente e o opaco de minha presença-ausência, o sexo é o ponto limítrofe, a gramática da qual forjamos linguagem comum.

Olho pra Juliano que já dorme, enquanto vagueio pelos arquivos na pasta de autores latino-americanos. Empurrar uma vez mais, para um pouco adiante a decisão de romper este ciclo, entregando-me à leitura, refúgio em que as possibilidades nunca se mediram. Talvez ao ponto de produzir em mim a pulsão de trocar sempre de história, de

ler várias ao mesmo tempo, entregando-me a autora aqui, autor ali, tornando dispersa a marca entre a leitura e a vida. Desta vez, a angústia que me aperta o peito escala minha garganta na forma de um nó, uma dor em movimento que alcança meus olhos e deságua em concerto com soluções e suspiros profundos, enquanto fixo os olhos nesse homem que só posso ter aprendido a amar acima de mim, acima desse meu ímpeto errante, dessa constante ânsia de abismo, que, na juventude, me impediu de manter namoros longos, de ter filho cedo, de dar por resolvida minha área de atuação profissional, de comprar um imóvel, de fazer qualquer coisa que me impusesse uma ancoragem.

Se acordar com meu barulho, sequer notará que choro.

Tampouco perceberá que a mala que deixei no corredor, há vários dias, nada tem a ver com as inúmeras viagens que faço e das quais nunca se lembra, aonde você vai mesmo? Volta em três dias, né? Eu já te falei, Juliano, você esqueceu de novo, fico uma semana. Não notará que meus cremes e maquiagem desocuparam grande espaço na pia de granito, que sempre deixo molhada para seu aborrecimento; que não tem shampoo, nem roupa minha pendurada na cortina do banheiro; não se tocará para o fato de que meu beijo e tentativa de abraçá-lo prolongadamente quando ele sair cedinho para o trabalho serão atípicos para as cinco e pouca da manhã de uma sexta; que sua costumeira ligação para mim, entre um cliente e outro, não completará porque o terei bloqueado no celular; que não falará mais comigo, nem me verá mais. Conversar não vai adiantar. Antecipo isso. E será assim que, no correr dos dias e noites, passarei a existir, ausente. Onde estarei? O que estarei fazendo? Tenho alguém? O que teria me deixado feliz? Existirei assim por um pouco de tempo, até Juliano não perguntar nem chorar mais. Estendo o braço e alcanço minha máscara pendurada na cabeceira. Apago a luz e enlaço-me em concha ao corpo de Juliano

(ZAYDAN, 2022, p. 24-28).

“BUFA”

A festa de inauguração da Frente Ampla da Unidade pelo Brasil estava marcada para acontecer no Boteco da Dona Tonha, um lugar tradicional da região, que sempre reunira, havia três décadas, a vanguarda da cidade. Mas descobriram que o marido da Dona Tonha havia chamado um cliente de bicha um dia e saído na porrada com ele.

Para não compactuarem com homofobia, decidiram fazer a festa no Bar do Pescocinho, próximo ao anel da Universidade, onde os estudantes refugiavam-se à noite, após as costumeiras longas horas de estudo e leitura. Para revolta geral, alguns dias depois, o Joquinha, filho do dono do bar, posta em suas redes sociais um vídeo em apoio ao novo governo — de direita — instalado há uns dois anos. No vídeo, em fala inflamada, uma mulher evangélica acusava o feminismo de ter destruído a família tradicional brasileira.

A repercussão negativa entre os progressistas foi tamanha, que, mais uma vez, decidiram transferir a festa para outro lugar, já que o Pescocinho, tudo indicava, tornara-se um antro machista opressor. Lá foram eles marcar a festa no Jiló Maneiro, um boteco que, não fosse pela placa de madeira de demolição com a inscrição entalhada “Boteco Jiló Maneiro”, de boteco, não tinha nada. Um bar, por assim dizer, “gourmetizado”, enriquecido, como tudo mais na cidade, que agora chamava os antigos trailers de sanduíche podrão de “*food trucks*”, as sorveterias de “*paleterias*”, e, acredite, a barbearia de *barber’s shop*, para desespero de Seu Onofre, barbeiro antigo da região e militante anti-imperialismo estadunidense numa 58 cidade agringalhada. Mas pelo menos o Jiló Maneiro ainda tinha jiló fornecido pela Cooperativa de Pequenos Agricultores Capixabas, o que lhes apetecia em sua verve grassroots, socialista. O diabo é que, assim, do nada, ficam sabendo, incidentalmente, eis a revolta, que o garçom do Jiló Maneiro era apoiador da ditadura militar e referia-se às centenas de mortos pela PM nas estatísticas daquele ano como “vagabundos”. Um camarada da Frente das Multiplicidades Democráticas tinha passado todo o serviço, depois que comemorou os três anos do partido lá.

Tamanha afronta era inaceitável e mereceu, além do cancelamento imediato do festejo, uma nota de repúdio coletivamente redigida através do Google Forms, com signatários de entidades, coletivos e movimentos incontáveis, que circulou por diversas plataformas *online*, tendo inclusive sido diagramada, impressa, com verba do sindicato dos professores da Universidade Estadual do Espírito Santo e distribuída por membros da Comissão da Verdade local e dos coletivos antirracistas e contrários à PM no campus.

A situação estava se complicando, todos pensaram, mas a situação crítica do país solicitava persistência e alguém sugeriu uma assembleia de pauta única, em que dariam os encaminhamentos sobre a festa a partir de uma decisão coletiva, a ser “tirada”, como é próprio do dizer dos ajuntamentos políticos, democraticamente.

Mas, na segunda, dois companheiros estariam ocupados, na Audiência Pública em que defenderiam a formação de uma Comissão Estadual Antietarista, ligada aos direitos dos idosos. Então, não puderam agendar.

Na terça, um dos companheiros faria a última de uma série de palestras e análise de conjuntura em seções sindicais de todo o estado. Tratava-se de um figurão requisitadíssimo, mas que humildemente fazia questão de participar de todas as assembleias, atos, passeatas, escrachos e até lançamentos de livros ligados às causas da militância progressista. Não era de bom alvitre fazer uma assembleia sem ele, que tinha tanto “acúmulo”, como se diz.

Na quarta, notaram que havia uma outra reunião agendada, que, embora não dissesse respeito a todos do grupo, era importante para a causa mais ampla — assembleia do Sindicato dos Petroleiros. Além disso, alguns companheiros estariam no centro da cidade, recolhendo assinaturas para o abaixo-assinado em prol da candidatura do maior líder popular brasileiro ao Prêmio Nobel da Paz. Ele estava preso e, por isso ou apesar disso, tinha ótimas chances. Optaram por não agendar evento concorrente.

Entre quinta e domingo, ocorreria o 30º Congresso do Partido da Esquerda Genuína, de tradição trotskista, ao qual compareceriam, como delegados ou ouvintes, pelo menos metade dos companheiros e, portanto, teriam de repensar a data da assembleia.

Em virtude da urgência de uma deliberação, resolveram criar um grupo para interagirem através do celular. Dada a natureza assaz diversa do agrupamento, com companheiros e camaradas de posicionamentos, não raro, diametralmente opostos, ainda que dentro do espectro progressista, de esquerda, estabeleceram algumas regras para a boa comunicação no grupo, como evitar o uso de caixa-alta, que poderia ser interpretada como um grito; postar apenas conteúdos diretamente relacionados, primeiro ao agendamento da festa de inauguração e, segundo, aos interesses comuns aos membros da frente ampla, como o fortalecimento da resistência ao fascismo e a composição de uma pauta de lutas em defesa dos grupos que chamavam de “minoritizados”, gays, lésbicas, sujeitos transgênero, negros, idosos, portadores de deficiência, indígenas, quilombolas e ciganos.

Quarenta e oito horas depois de iniciadas as discussões virtuais, não lograram êxito nas tentativas de chegar a um consenso sobre a data e o local da festa. Os ânimos foram se acirrando à medida que tornava-se patente não aquilo que os companheiros (e camaradas, claro) tinham em comum, mas justamente o dissenso que os constituía, algo da ordem do intolerável, arriscando potencialmente a empreitada que inicialmente os unira. Qual não foi a grande decepção para muitos quando a companheira representante da Comissão Estadual de Direitos Humanos postou uma proposta de retomada do agendamento da festa no Bar da Dona Tonha, argumentando que o fato de o proprietário ter agredido um jovem homossexual não deveria ser impedimento para a realização da festa; que se tratava de um espaço historicamente ligado à vanguarda na cidade; que não há lugares ideais; que a esquerda não podia recuar, mas afirmar sua 60 existência, ocupando os espaços da cidade, entre outras ponderações que arregimentaram algum apoio no grupo.

A reação dos companheiros do Movimento LGBTQIA+ foi postada em tom cáustico, a companheira dos Direitos Humanos não podia ocupar um lugar de fala, diziam eles, que não lhe pertencia, questão de representatividade; alegaram que a defesa do bar da Dona Tonha era uma violência simbólica a um grupo social perseguido, que figura nas piores estatísticas de assassinato e suicídio no Brasil e fora dele. O Presidente do Sindicato dos Professores do Segundo Grau encolerizou-se e acusou os ativistas

LGBTQIA+ de frequentemente infligirem aos outros o mesmo tipo de violência que denunciavam toda vez que se valiam, por exemplo, da faixa geracional avançada de alguém para criticá-lo, usando expressões como “velho gagá”, “esta senhora”, “caduco”, entre outras demasiado ofensivas para reproduzir por escrito ali, afirmou.

As companheiras do Fórum das Minas saíram em defesa dos companheiros LGBTQIA+, aproveitando o ensejo para expor o que alegavam ser uma ferida profunda dos movimentos de esquerda: a sanha pelo protagonismo e pela primazia da crítica, doença que acometia a maioria das lideranças, da qual os companheiros do movimento sindical eram epítome, afirmaram, sem se dar conta dos três pontos de interrogação postados por um dos representantes da União Federal dos Estudantes, que poderiam ser de dúvida quanto ao significado do termo “epítome” ou de surpresa e discordância. Acrescentaram ainda a predominância de homens nas mesas de discussão que organizavam e sua atitude invariavelmente tutelar em relação às mulheres. Em caixa-alta, uma delas chegou a usar a palavra “reacionários” e saiu do grupo. Em coro com as companheiras da Confraria da Syryryca, os representantes do Fórum Espírito-Santense de Lutas imediatamente anunciaram que acabaram de perder a companheira que mais contribuíra na redação de notas, moções e cartas abertas, desde que a crise política se agravara, ao que o companheiro da Arquidiocese retrucou:

“E desde quando fazer política é redigir nota e fazer abaixo-assinado? Aonde chegamos, meu Deus!”.

“Lá vem o padre ENSINANDO a gente a fazer política!”, mandou a real uma das Minas, sem respeitar a regra da caixa-alta.

“Em sinal de protesto devíamos todos simplesmente morrer”, a companheira da Syryryca conseguia ser poética nos momentos mais críticos — amava Lygia Fagundes Telles, apesar de a autora ser branca, hétero, classe média e ignorar o gênero neutro em todes suas produções.

Foi-se de tal modo erodindo a interação entre os companheiros, que, esquecido o propósito de agendar a festa e sacramentar a tão almejada união, tornou-se saliente a natureza malfadada da composição em si da Frente Ampla da Unidade pelo Brasil. A interlocução

mingou. As acusações avolumaram-se, a despeito da turma do deixa disso, composta pelo pessoal do Conselho Regional de Pedagogia, sempre tão ponderados. A querela enfadonha girava em torno do alegado abandono do “trabalho de base” por parte do Partido da Esquerda Genuína; da falta de senso prático de alguns companheiros jocosamente apelidados de “velha esquerda”; do sarcasmo em relação à proposta de encontros de formação e reflexão, sob o argumento de que o país está vivendo o momento mais grave de sua história recente, e que isto solicitaria, portanto, ação e não reflexões infindas; das alegações de que a juventude rendia-se a um tarefismo irracional e teoricamente débil que a tornava inócuas; a revolta dos representantes do movimento estudantil segundo os quais a esquerda operava a partir de uma divisão social do trabalho de militância, contradizendo-se torpemente. A recente aliança entre o líder encarcerado aspirante ao Nobel e um representante da escória política brasileira, como designaram os trotskistas e os leninistas considerados marxistas demais, não chegou a entrar na pauta, mas era tema latente, a ponto de causar uma explosão, pondo a perder toda a tentativa de ação unificada. Tudo isso sem contar o queixume sobre a demora de alguns para responderem às mensagens ou por sabotarem decisões tomadas coletivamente, retomando-as de modo estratégico a posteriori sob a roupagem de supostos “novos elementos” para retomar votações já feitas em que se foi voto vencido. Nunca saiu do rascunho o projeto da FAUB.

Não muito longe dali, em uma comunidade de pescadores ao sul da capital, formou-se um movimento autodenominado supraidentitarista, que defendia o abandono das pautas exclusivamente ligadas ao que se referiam como “alteridades”. De base marxista, diziam ter no horizonte a superação da sociedade de classes e da divisão internacional do trabalho; pregavam a luta anti-imperialista da Pátria Grande, a América Latina e o Caribe; defendiam a soberania nacional e autodeterminação dos povos, com frequentes contrapontos ao que chamavam de diversionismo no qual, segundo afirmavam, a esquerda frequentemente caía como um patinho que se distrai com questiúnculas, fazendo, segundo eles, o jogo histérico a ela reservado pela ultradireita e pelo imperialismo estadunidense. As leitoras e leitores hão de concordar que a salvação estava nesse grupo a que apenas faltava notoriedade. Eram a própria revolução reencarnada, uma espécie de seleção dos eleitos de Lênin. Só que sem

definições programáticas. Ao menos foi o que nos disse Seu Onofre da barbearia, dia desses, sem qualquer preocupação em distinguir fatos de opiniões, num lançamento de livros sobre empreendedorismo, economia criativa e startups, que ocorreu no Boteco da Dona Tonha, onde sempre tem cerveja que cabe no bolso do trabalhador.

(p. 58-63)

“Gare du Nord”

Para Paty

“Mãe, você volta quando?”

Essa mensagem de Jéssica me cortou o coração hoje cedo. Cheguei aqui em Paris por teimosia. Sou de touro. Essa estação estava tão lotada, mas tão lotada quando pisei aqui pela primeira vez, que fiquei uns bons minutos meio em pânico, estatelada, olhando a multidão apressada. Gente sem educação do cacete. Não falo uma palavra em francês, a não ser “*gare*”. Minha amiga já me corrigiu, dizendo pra pronunciar como se fosse “*garr*”. Povo doido, que escreve dum jeito e fala de outro. Também não sei inglês, sempre quis aprender, acho lindo, mas fazer o quê? Não estava no plano eu ficar dando uma de poliglota aqui na Europa.

Daqui de onde estou sentada com esse montueiro de mala em volta, vejo na parede o mesmo mural azul gigante de quando cheguei. Parece que faz tanto tempo. Os dizeres em letras brancas que não entendo: *Déclaration Universelle des Droits de l'Homme (2018 — 70e anniversaire)*. Vejo também o alvoroço de gente ilegal chegando nos turistas ali na porta da gare. Imigrante, refugiado, é como se diz. Oferecem para carregar malas, explicar o caminho, e também vendem cigarros. Ferreirinha disse pra ter cuidado com eles, pois oferecem drogas e roubam a gente. Só dá negão de todo tamanho, com pele que parece veludo e dentes branquíssimos. Acho todos um pedaço de mau caminho, vou te ser sincera. Fazem lembrar aqueles atletas que a gente vê na televisão durante as olimpíadas. Devem ser da África. Agora, pelo que captei, muitos deles falam de um jeito que parece francês, então, não entendi nada. A não ser que na África também falem francês. E tem muita gente que eu não sei de onde é. Minha amiga me disse que são da Síria. E tem, aos montes, gente de uma tal de Argélia. O que importa é que chegaram aqui para melhorar de vida ou para fugir da guerra, pelo que sei. Mas levam toco da polícia a torto e direito, isso sim. Já vi polícia passar com cassetete e prender uns três só porque estavam parados na frente da *gare* vendendo capinha de celular. Diferente de mim. Eu queria ir mesmo é daqui pra Londres

e acho que isso não é motivo pra polícia me bater nem prender.

Cheguei do Brasil já tem quase dois meses, pelo aeroporto Charles de Gaulle, de onde segui pra cá no tal do RER *train*, uma loucura! Caro que Deus me livre, mas foi mais barato do que táxi, embora quase tenha morrido para subir com a mala alguns lances de escada da estação, só com aquele café da manhã mixurucá do avião forrando o estômago. Me bateu uma fraqueza, que desconjuro. E ainda tive que aguentar ignorância desses franceses que acham que a gente tem que se espremer no canto direito da escada rolante pra deixar lugar para os apressadinhos. Não tô nem aí, ocupo o espaço inteiro na cara dura, até chegar lá em cima.

Tudo começou quando conheci o Ferreirinha nesses sites de relacionamento, já faz mais de dois anos: português, morando em Londres, onde já casou, teve filho e divorciou. Pelo menos foi o que tinha me dito o safado. O homem gamou em mim, sério. Também fui me acostumando a ter a companhia dele quase o dia todo: fazemos sempre ligações de vídeo um para o outro. Quando eu estava no Brasil, ele queria saber de cada passo que eu dava, em qual casa estava fazendo faxina em cada dia da semana; com quem estava; quantos ônibus pegava para voltar pra Viana, onde moro, na Grande Vitória. Tinha dia que era um saco, mas, ao mesmo tempo, achava era bom ter uma pessoa preocupada comigo; a gente sente falta de carinho de homem depois de um dia cansativo e de quase duas horas em pé num raio dum ônibus lotado. Aliás, carinho acho que nunca havia tido mesmo, nem do meu ex-marido, aquele bosta. E depois que nos separamos e que fiquei com duas crianças nas minhas costas, toda vez que ia pedir dinheiro ou pelo menos uma atenção pros meninos, era só coice. Um estruço, já foi tarde! Namorei um e outro, pois não sou 68 de se jogar fora, não. E gosto do babado, mas acabei me amarrando no Ferreirinha. Tinha que ser o mais difícil? Aí, começamos a tentar juntar dinheiro pra gente se ver. O plano era mesmo da gente se casar. Em Londres.

Teve uma época em que larguei as faxinas e consegui uns bicos como cuidadora de idosos que pagava uns trocados a mais. Você acredita que o desgraçado do meu ex-marido parou totalmente de mandar dinheiro nesse período? Achou que eu era alguma songamonga que ia deixar isso barato, mas não. Fui atrás do direito dos meus filhos. Jéssica

brincando com uma boneca que tinha um braço maior que o outro — era montada, aproveitada de uma boneca velha. Meu maior, o Cleito, precisando de um tênis novo — e eu com a merreca que ganhava, mal conseguia pagar o diacho do aluguel e pôr comida na mesa. Botei na justiça e boto de novo, se precisar. Enquanto isso, fui tendo o incentivo do Ferreirinha pra planejar nosso primeiro encontro. Eu juntaria dinheiro pra minha passagem de ida para Londres e ele pagaria a de volta.

Aí, morre Dona Cecília — uma das idosas de quem eu cuidava. Fiquei triste pela morte dela, é claro, mas fiquei mais chateada ainda por perder um dos bicos. Acredita que menos de um mês depois, foi seu Antenor? Ele já passava dos noventa, tudo bem, mas tinha que bater as botas justo quando eu estava pagando a prestação da bicicleta do Cleitinho? Lá fui eu voltar com as faxinas, puta que pariu. Pensei em ligar pra Lu. Eu tinha trabalhado como diarista pra ela por alguns anos, mas parei de ir porque tinha arrumado os idosos pra cuidar e não sabia como dizer isso pra ela. A Lu não merecia, sabe? Me tratava como uma pessoa normal, como se fosse amiga. Lembro do dia em que ela salvou a pátria: eu tava sem um puto, com a casa purinha e duas contas de luz que juntaram e os homens vieram cortar. A Lu transferiu um dinheiro pra mim, adiantando o pagamento de três meses de faxina, e salvou não só as comprinhas do mês, mas nosso banho quente naquele bendito mês de junho, a única época em que faz frio em Vitória. Diferente daqui, que é um congelador, Deus que me perdoe. Mas eu sumi e não dei notícia, vai eu chegar assim, do nada, e pedir emprego de faxineira pra ela? Ia me xingar! Pisei na bola com a Lu, eu sei. Arrumei faxina duas vezes por semana na casa de uns grã-finos lá na Praia do Canto. Gente fresca pra danar, eu entrava pelo elevador de serviço, comia só depois que todo mundo tinha acabado e não podia ir na sala quando tinha visita. Nem tomar um banho pra me refrescar depois do batente me deixavam os desgraçados.

Mas pelo menos estava entrando algum além da pensão de fome que o dito cujo passou a depositar. Só que, com a crise, o dinheiro não dava nem pro cheiro, quanto mais pra comprar passagem de avião. Aliás, eu tremia nas bases, meu Deus, só de pensar em andar de avião pela primeira vez. Foi quando Ferreirinha tomou as rédeas e comprou as passagens. A gente já tinha até terminado por causa disso. Ele achava que eu é que estava fazendo corpo mole — ou

que estivesse ficando com outro — sabe de nada, inocente. Aqui, quer dizer, no Brasil, o buraco é mais embaixo, sou trabalhadora, meu filho. Nossa término durou um dia. É pra rir ou pra chorar?

Cleito já com dezesseis não me preocupava muito, pois já tinha arrumado um emprego como Menor Aprendiz e ia mais ou menos bem na escola. A bem da verdade, andava estranho, quietão, mas eu sempre penso que esses meninos têm é berço de ouro, se eu for comparar com a vida que a gente teve. Pedi à Guta pra ficar com ele e Jéssica na minha casa e, em troca, ela tinha casa e comida — estava desesperada a coitada. Com Jéssica agarrando minha roupa no maior berreiro, empacotei meus molambos e viajei pra Londres pra encontrar o Ferreirinha. Não podia fazer drama com quase quarenta anos na cara e um ano de namoro pela internet. Voltaria de lá casada pra buscar todo mundo. Ia ser vida nova.

Mas as coisas não saíram conforme o plano. Quando aquele avião chegou no tal do Heathrow, que nem sei pronunciar, já comecei a mandar mensagem pro Ferreirinha. A gente estava numa alegria de dar gosto. Preenchi o formulário da alfândega, com a ajuda de uma moça de Maceió que estava do meu lado no voo — que sorte! Me ajudou até eu descobrir onde tinha que pegar as malas e tudo mais. E Ferreirinha ali fora, me esperando, com o coração na mão. A gente não via a hora de finalmente se abraçar e beijar. Chegando no guichê da Imigração, eu só gesticulava, mostrando o endereço e telefone do Ferreirinha, que tinha anotado num pedaço de papel. Sentia o coração quase saindo pela boca, mas não entendia o que eu tinha feito de errado para não me deixarem entrar logo. Todo mundo olhando com um jeito de “não-é-comigo” e eu caindo no choro. Mandaram chamar um cara pra traduzir e expliquei tudinho, que era brasileira, que tenho filhos no Brasil, que Ferreirinha era meu namorado a quem eu ia visitar e conhecer pela primeira vez. Perguntaram minha profissão e disse que era empregada doméstica. Foi tiro e queda. Me mandaram de volta pro Brasil no voo seguinte. E pensar que Ferreirinha estava ali do outro lado, a poucos metros de distância, em prantos, como eu.

Aquelas horas de voo de volta a São Paulo foram um desespero só. Por que me barraram? O que eu disse de errado? Por que não fui digna de entrar ali, se eu só ia visitar mesmo? Como eu ia pagar a passagem pro

Ferreirinha? Afinal, embora seja um profissional bem de vida — o homem é carpinteiro e vive cheio de encomendas em Londres — não pode ficar dando passagem internacional de lambuja por aí. Ele tem lá seus compromissos com os dois filhos que fez e isso admiro demais da conta nele. Mas, quer saber? Se tem uma coisa nessa história toda que ficou clara que nem roupa branca lavada com anil é o amor desse homem por mim. Ele não me assumiu sozinho o pagamento dos dois bilhetes da viagem fracassada? Tudo bem que às vezes me sinto sufocada com as exigências dele para que eu atenda às ligações de vídeo que me faz em qualquer lugar e hora. Me sinto meio vigiada, você me entende? Mas é o mínimo que posso fazer pra retribuir tudo o que tem feito por mim. Cheguei no Brasil, retomei algumas faxinas e outros bicos e pelejamos um ano pra juntar dinheiro e fazer tudo de novo. Só que sem aquela sonseira da primeira vez.

Chegou o grande dia. O plano dessa vez era vir para Paris, onde a gente soube que a Imigração é mais tranquila e, daqui, pegar um trem submarino — uma coisa pavorosa — que leva a gente direto pro coração de Londres, chamado *Eurostar*. Mas, antes de chegar ao destino final, programamos uma semana romântica aqui em Paris, afinal, nunca tínhamos nos encontrado face a face. Cheguei no aeroporto e foi tudo calmo e sereno: nenhuma gesticulação, nenhum tradutor, nem polícia, nada de choro. Passei direto e vim aqui pra Gare du Nord, como já contei. Foi aqui que encontrei pela primeira vez o Ferreirinha, no desembarque do Eurostar: ele tão lindo, vindo ao meu encontro com rosas vermelhas. Parecia aquelas cenas de fim de novela a gente 71 se abraçando forte, se beijando e todo mundo em volta olhando. Agora era lavar a alma, depois do perrengue que a gente passou. Se eu te disser que foi uma explosão atrás da outra nós dois num quartinho de hotel aqui perto dessa gare, você não acredita. Esse homem me queria de meia em meia hora, de tudo que é jeito, e só faltava me em balsamar e colocar num altar, sei lá como se diz. Trouxe uma mala de Londres cheia de presentes pra mim: bijuteria, perfume, creme, bota, sapatos, casaco de frio, touca, luva, cachecol — pensou em um tudo o Ferreirinha. Até um carregador portátil de celular me deu pra eu levar sempre comigo. Nunca me senti tão especial, chique, viajada e via que isso só confirmava que eu estava certa em tomar a decisão de namorar firme e partir para o casamento. Esse detalhe do casamento gerou uma briguinha entre nós naquela semana de lua-de-mel

aqui em Paris, quase dois meses atrás. A verdade é que ele ainda não se divorciou da mãe dos filhos — matei a charada na hora! Como é que eu digo pra Imigração de Londres que estava indo visitar meu namorado se, na ficha dele lá nos computadores, o Ferreirinha aparecia como casado? Cabeção! Foi por isso que me barraram em Londres no ano passado!

Tudo sob controle em casa, Ferreirinha me ajudando a mandar um dinheirinho pras despesas de Cleito e Jéssica, que continuavam com Guta. As coisas estavam às mil maravilhas. Fizemos nossas malas — depois dos presentes, eu tinha mais que o dobro de bagagem — e viemos aqui pra *gare*. Fomos para o segundo piso fazer o *check-in* do Eurostar rumo a Londres. Ferreirinha foi na frente, passou e ficou me esperando, do outro lado da roleta. Os atendentes uniformizados e com a bandeira da Inglaterra bordada no peito ficaram muito tempo conferindo meu passaporte. Pediram o endereço de onde eu ia ficar, perguntaram quantas libras eu tinha no bolso, minha profissão: respondi tudo direitinho, como combinado com o Ferreirinha. Iria ficar na casa dele e da esposa, como amiga da família, tinha mais de duzentas libras comigo e um cartão de crédito internacional e disse que era prestadora de serviços domésticos — claro, disse tudo isso com a ajuda do Ferreirinha, que tive que chamar para falar inglês em meu lugar. Não teve jeito. Os homens me barraram de novo. O desespero tomou conta de mim pela segunda vez. Ferreirinha ficou bravo que nem um cão lá do outro lado e quase foi preso. O homem gritando e o guarda vindo na direção da roleta onde Ferreirinha estava encostado, ainda tentando me ver. Desabei, peguei meu passaporte, fui me recostando na parede e descendo até sentar no chão, com aquelas malas todas e sem ideia do que fazer.

Acenamos um para o outro em prantos, uma dor de rasgar o peito, enquanto a voz no alto-falante anunciaava sem parar em língua estranha qualquer coisa que tinha a palavra "*London*". Um guarda se aproximou e me mandou levantar do chão. Eu só chorava, sem saber explicar na língua dele o que tinha acontecido. Ferreirinha teve alguns minutos antes de embarcar para me mandar uma mensagem de socorro, já que ficaríamos sem nos falar até ele chegar em Londres. Escreveu o nome e endereço de um hotel mais simples do que aquele em que ficamos. Me deu uma ou outra instrução de emergência e não respondeu mais às minhas mensagens.

Me ajeitei, respirei fundo, comi um salgadinho qualquer e fui em direção ao tal hotel, a pé mesmo, pois era colado na gare. O frio da manhã tinha passado e tive que tirar o cachecol e o suéter, enquanto arrastava duas malas grandes e bolsas menores. Vi passar um daqueles ônibus de dois andares, com a parte de cima aberta e a turistada tirando foto. Davam tchauzinho, animados. Retribuí, por educação, fazendo sinal com a mão.

Na calçada enorme em volta da *gare*, junto da multidão de gente de tudo quanto é cor e tipo, fui tentando me livrar dos imigrantes e vendo dezenas de painéis parecidos com esse que está aqui na minha frente agora, que eu achava que era do aniversário de 70 anos de alguém famoso, só que em tamanhos menores, numerados e com muito texto para ler. Em francês, eu acho. Chegando ao endereço, a placa era “Hostel — St. Christopher’s Inn” e fiquei em dúvida, mas era o que Ferreirinha tinha escrito, então confiei. O lugar tinha uma cara descolada, como se fosse pra gente jovem — e cheia de dinheiro, né? Só pra guardar minha mala no tal do *locker* cobraram um euro! Imagina, quase cinco conto! Se esse lugar é o mais barato, imagina os lugares caros, crê em Deus Pai! Mas pelo menos tinha uma moça que falava português pra atender a gente — ela tinha o sotaque do Ferreirinha. Estou eu na fila, esperando o atendimento, quando vejo uma mulher que não me era estranha. Agitada como eu estava, respirei, esfreguei os olhos e, para minha total surpresa, eu não estava vendendo coisa não, era a Lu, ali, na minha frente, em Paris. De cair o cu da bunda.

“Lu???”

Ela demorou alguns segundos para me reconhecer, parecia confusa. De repente, com os olhos arregalados e as sobrancelhas levantadas, disse:

“Gente, é você??? O que você tá fazendo aqui??? Caralho!!”

Eu só chorava e abraçava minha amiga, patroa, sei lá como chamar a Lu, só sei que estava numa alegria danada.

“Lu, foi de Deus eu te encontrar aqui, foi de Deus, Lu!”

“Ai, para com isso, flor, não estraga a coincidência, porra, Deus nem existe”, sempre desbocada, a Lu de sempre.

Conversamos e nos abraçamos várias vezes. Inacreditável, mas a gente estava fazendo *check-in* no mesmo hostel, que, depois me explicou, a gente chama de albergue. Meu pensamento todo embaralhado, me sentia em casa e não sabia onde botar a cara de tanta vergonha. A vida dá voltas mesmo, né? Eu fugindo da Lu, sem graça, por causa lá daquela situação que contei e, do nada, encontro a mulher em Paris. Rimos muito, eu chorei, pedindo perdão pelo meu sumiço e ela sacodiu os ombros, sorrindo, sem saber o que dizer. Ficou de cabelo em pé com a história que eu contava sobre minha aventura com Ferreirinha, idas, vindas, barradas em imigração e tudo mais. Perguntou, preocupada, pelas crianças e, ao me ouvir contar de cabeça baixa, disse, segurando meu queixo, “elas também têm pai e não só mãe.” Me ensinou algumas coisas bem básicas pra me virar em francês ou em inglês. Rimos demais de minhas tentativas de pronunciar as frases. Deixou até gravado no áudio do meu celular.

A Lu — Luriane para os menos íntimos — é professora de sociologia da universidade pública e estava concluindo uma pesquisa na tal da universidade famosa aqui de Paris. Sorbonne o nome. Estava na última semana dela aqui, antes de voltar pro Brasil, de onde tinha saído seis meses antes. Chiquerrima minha amiga, como eu sempre dizia pra ela, que dava aquele sorriso encabulado de sempre. Deus não dá asa a cobra, Lu, ela ria quando eu dizia isso, se eu tivesse essa cara e esse corpinho, com essa sua inteligência, minha filha, eu ia longe. E Lu respondia com aquele olho triste dela que nada disso tinha a menor importância na vida e seguia falando das injustiças do mundo, da ganância capitalista, da morte do povo negro (tá aí uma coisa que eu não entendo essa mania de defender os negros se ela nem é negra), falava de revolução e tanta coisa que não entendo. Acho que, no fundo, ela só quer ajudar todo mundo. Sempre me corrige quando digo isso, diz que não se trata de ajuda, que ninguém está aqui pra fazer caridade, que as riquezas do planeta são de todo mundo. Tá bom, tá bom, Lu, mas me promete que vai ter cuidado quando voltar pro Brasil, implorei pra ela. Até me preocupo, pois se a Lu falar essas coisas hoje, no Brasil, vai pegar fama de comunista. Só quer mudar o mundo, essa é a verdade. E, volta e meia, se ferra por isso. Pra te dizer com sinceridade, nunca entendi por que gente como a Lu vem pra Europa pesquisar. Acho que em matéria de mudar o mundo, europeu é que tinha que ir lá pro Brasil aprender com o nosso povo que faz mágica

com o pouco que tem. E olha que ainda tentam tirar até isso da gente. Acho que europeu não quer mudar o mundo coisa nenhuma, deve estar é bom pra eles. Vai entender a cabeça desse povo de universidade que vem pra cá.

Com esse sinal que Deus mandou, me fazendo achar a Lu aqui no hostel, eu estava disposta a fazer de tudo pra corrigir meus erros e ainda mostrar pra ela minha gratidão. Mas meu tempo estava passando e eu não tinha como segurar a barra sozinha por muito tempo.

Fiquei com vergonha de ser um peso pra ela, sabe? Ela devia mais é querer passear, estar com as pessoas que conheceu aqui e não ficar se preocupando com uma faxineira picareta que desapareceu quando ela mais precisava. Pra minha salvação, a Lu tentou me ajudar de todas as formas possíveis: resolvendo meu problema de celular pré-pago, me ajudando a encontrar reservas em albergues mais em conta, me apresentando alguns brasileiros que talvez pudessem me ajudar a conseguir um emprego temporário, indo comigo de metrô a alguns lugares só pra me ensinar como comprar bilhetes, como me orientar com o mapa do metrô, foi um milagre mesmo. Um anjo na minha vida.

Se mostrou muito preocupada desde o primeiro minuto que falei de Ferreirinha. Você tem certeza de que ele é normal? Não é violento? Conheceu a ex-mulher dele? Por que se separaram? Você não pode deixar ele te bancar! Por que aceita que te vigie o tempo todo? O que vocês combinaram? Eu tentava acalmá-la e mostrar as provas do amor do Fê. Ele se manteve em contato comigo desde que chegou de volta a Londres no Eurostar e ficou numa alegria só quando soube que encontrei minha ex-patrocínio. Mas nada disso convencia a Lu de que era especial o que eu estava vivendo. Ele dizia que tinha ficado feliz porque agora tinha alguém — ela — para me vigiar em Paris. Eu só ria.

Lu se mostrava um pouco irritada comigo, às vezes. Admito que eu alugava ela demais, mas era a única pessoa com quem podia contar aqui em Paris naqueles dias! Agora, me deixa em paz que eu vou ao teatro, flor, dizia depois de me ajudar a fazer alguma ligação e tentar localizar algum lugar no mapa. Eu estava quase sem dinheiro nenhum e não queria jamais dar despesa pra ela, mas a Lu chegava das andanças diárias por Paris e me chamava pra tomar uma no pub do hostel. Era o paraíso. Eu me beliscava e só

abraçava minha amiga poderosa. O que tinha de gringo chegando na gente, não tava no gibi, sério. Mas Ferreirinha podia ligar a qualquer momento e a Lu parecia uma monja — só queria tomar a cerveja dela, fumar um cigarro e mergulhar a cara nos livros. Aliás, não entendo como uma mulher pode gostar tanto de sebo — essas livrarias cheia de troço velho, empoeirado, biblioteca, feira de livro usado. Enquanto isso, Ferreirinha tentava armar algum jeito da gente se ver. Estava decidido a voltar a Paris para gente ficar junto de novo e decidir. Ele tem manejo nos horários de trabalho, pois é autônomo. Faltava um mês para ele voltar e eu ia ter que dar meus pulos para sobreviver em Paris com o mínimo possível de ajuda dele.

Um dia, a Lu chegou de uma passeata com as botas todas manchadas de piche. Estava meio agitada, com o cabelo bagunçado e as bochechas rosadas. Não perguntei nada por educação. Ela trouxe uma comida de supermercado, esquentou no micro-ondas do hostel e me chamou para comermos juntas, como fazia desde que nos encontramos. Conversa vai, conversa vem, descobri que a danada estava metida naqueles protestos violentos dos coletes amarelos. Fiquei apavorada! Lu, você não tem juízo? Semana passada, chegou a morrer uma pessoa, sua doida! Mas era teimosa a danada, teimosa e taurina que nem eu. Juízo? A gente tá na vida é pra dar trabalho. Filha da mãe, me respondeu com aquela impaciência de irmã mais velha. Eu via a hora em que a Lu ia parar na cadeia e eu tendo que explicar em francês que ela era uma boa pessoa. Deus que me livre, tava fodida.

Enquanto ela aproveitava os três últimos dias em Paris, lá ia eu ao extremo sul da cidade, onde Judas perdeu as botas, tentar um emprego numa espelunca de hostel gerenciada por uma brasileira que a Lu conhecia. Passagem de metrô gasta à toa. A brasileira antipática não deve ter achado que eu estava à altura: me olhou de cima embaixo, me perguntou o que eu fazia no Brasil, foi lá dentro, voltou e me dispensou sem nem ao menos fingir que guardaria meu número de telefone. Peguei o mapa do metrô e fui até à Torre Eiffel. Era fim de tarde. Em alguns minutos, acenderam as luzes e chorei muito, lembrando do dia em que Ferreirinha me levou lá. Chorei de saudade de Cleito e Jéssica. Chorei pelo desamparo que é a vida. Guta diz que chorar em Paris é mais chique. Vai saber por quê, pra mim é tudo igual: tristeza e vergonha lá e cá, fome lá e cá, desespero lá e cá. Só muda o endereço. Voltei pro hostel lá

perto da *gare* e vi pelo vidro do *pub* do hostel a Lu no maior papo com um grupo de amigos. Não quis que me visse, não tinha lugar pra mim, deviam estar falando francês, inglês, qualquer língua. Além do mais, quem era eu pra conversar os assuntos de gente viajada, estudada, lida? Subi pro quarto que dividia com mais nove pessoas — quarto misto, de homens e mulheres, fiquei na cama, enrolada que nem um caracol.

Alguém entrou no quarto e acendeu a luz. Era ela. Você tem três minutos pra lavar esse rosto, passar um batom e me encontrar lá no *pub*, entendeu? Larga essa tristeza, que eu tô mandando, disse firme, mas sorrindo. Estamos em Paris e são meus últimos dias! Me deu um beijo e saiu decidida, fazendo sinal de que me esperava. Chorei pela última vez e fiz o que me disse. Talvez eu não estivesse tão desamparada assim. Brinco, batom, uma blusa de frio e desci. Foi nossa melhor noite em Paris, tomamos cerveja ouvindo uma banda de música pop. Eu tinha certeza, o vocalista estava secando a Lu. Conversamos, às vezes ela traduzia o que eu falava ou o que os outros falavam pra eu entender. Entramos num táxi e passeamos pela madrugada na parte central da cidade. Parecia um sonho aquela luz, os monumentos, o rio Sena. Só sei que esqueci até do celular, dei um perdido no Ferreirinha até encerrarmos a noite meio bêbadas e totalmente felizes.

Ajudei Lu com a mala, como sempre fazia quando trabalhava pra ela no Brasil. Nunca vi uma pessoa ser tão cuidadosa com tudo e tão desleixada pra coisas simples como fazer uma mala e organizar as lembrancinhas que tinha que levar. Chegava a ficar nervosa e perdida que nem barata tonta. Até chorar de nervoso a boboca chorou. Lá fomos nós comprar uns chaveirinhos e postais de última hora. Parecia uma criança a minha amiga, melancólica e acabrunhada na quele penúltimo dia. Acabei aproveitando e pedindo pra Lu levar um presentinho de Natal pra Cleito, Jéssica e Guta. Não demoraria para o Natal e isso já me doía o coração.

Fui com ela até à *gare*, onde ela pegou um trem para a Rua Roma, aonde foi comprar partituras de piano, enquanto fui a St. Michel encontrar uma brasileira que conheci através de uma rede social. Insistiu para que eu fosse até ela, essa brasileira. Disse que me ajudaria nas quase três semanas que eu teria até Ferreirinha chegar. Depois de me perder e quase desistir de achar o lugar, finalmente cheguei e fui

surpreendida pela pocioga em que moravam. Ficava no último andar de um prédio bem decaído, mas não era um apartamento normal e sim um tipo de puxadinho lá no alto. A moça era tão jovem que podia ser minha filha, cheguei a me assustar. Fez sinal para eu entrar com a cabeça, enquanto fumava e falava aos berros no celular, acho que em francês. Numa poltrona, perto da janela, um homem bem mais velho também fumava e me olhava de cima em baixo, com uma cara que me dava nojo. Na pia da minúscula cozinha, latas e garrafas de cerveja e vinho se acumulavam. O cheiro fazia embrulhar o estômago. Lixeira lotada de caixas de comida congelada e o barulho de uma TV ligada, em português, em algum quarto. A menina parecia mandar em todo mundo, pois só falava aos gritos e botava medo no velho, que mal olhava nos olhos dela. E eu ali, em pé, esperando. Ferreirinha ligou e atendi em voz baixa, já preocupada em estar fazendo alguma coisa errada. O lugar metia medo. Me livrei das perguntas e recomendações infindas de Ferreirinha e disse que, se ele se preocupava tanto comigo, que viesse pra Paris e parasse de me encher a porra do saco. Lu ficaria orgulhosa se me ouvisse.

A moça terminou a ligação e veio até mim. Nem me ofereceu uma cadeira. "Você tem passaporte válido?", tinha um jeito ameaçador, mas era bem bonita.

Não entendi a pergunta, mas respondi que sim e perguntei por quê.

"Se estiver ilegal, tem que falar logo."

"Eu sou a brasileira que vai ficar só até o Natal, você não está me confundindo? Só preciso de trabalho por algumas semanas, lembra que te mandei mensagem pelo Facebook?"

"Meu bem, não se faça de desentendida, nós duas sabemos muito bem por que você veio."

Comecei a ficar realmente assustada pelo jeito que falava comigo.

"Vim por uma vaga de emprego e porque você disse que viajaria por algumas semanas e que eu poderia alugar seu quarto."

“Tio, ouve essa...” E caíram ambos na risada, na minha frente, para meu terror

Devo ter ficado tão vermelha, que notaram. Virei e disse que iria embora.

“Desculpa, meu bem, a gente te assustou? Vem cá, senta aqui! Ô tio, seu merda imprestável, nem mandou a moça sentar?”

“Não, obrigada, estou de saída.” Eu estava assustada inclusive com a mudança repentina no tom de voz. Gente louca

“Meu tio vai ficar aqui e eu vou para o Brasil visitar minha família. Você pode ficar no meu quarto, se não ligar de dividir o apê com esse verme.” O tio nem mexia e continuava olhando pra mim com a mesma cara.

“Mas você cobra quanto por três semanas?”

“Aí vai depender de você...”

“Como assim?” Aquilo estava parecendo uma novela, meu Deus.

“Se você vai ajudar na limpeza, se vai cuidar do meu gato, e outras coisas.”

“Olha aqui, eu não tenho interesse, está tudo muito confuso e eu tô de saída, obrigada.”

Foi quando chegaram dois rapazes muito altos. Um deles parecia bêbado ou drogado, com os olhos muito vermelhos e ria à toa. O outro falava português e veio com uma conversa mansa, me elogiando, tocando nas minhas costas e alisando meu cabelo.

“Posso te acompanhar até à porta lá embaixo, gata?” Tentei tirar o corpo para não deixar que me encostasse de novo.

“Não, obrigada, eu sei o caminho.” Vi que a moça e o tio riam e davam baforadas no ar. O gringo de olhos vermelhos se espichou todo no sofá.

Fui andando e o bonitão me seguiu e gritou alguma coisa em francês. Logo o companheiro drogado estava com a

gente pelos corredores apertados que iam dar num elevador caindo aos pedaços no andar de baixo.

“Você tem os seios lindos, do tamanho que a gente gosta.”

“Não toca em mim!” O pânico tomado conta e minhas pernas fraquejando. “Me respeita! Dá licença!”

Mas eram dois contra uma, um elevador pavoroso, no último andar de um prédio que parecia abandonado. Quando dei a sorte de alguém chamar o elevador já quase chegando ao térreo, eles já tinham feito em poucos minutos o que eu acharia impossível se alguém me contasse. Me morderam, lamberam, enfiaram seus paus em mim e até me sujaram. Eu chorava, gritava, mas ninguém me ouviu. O homem que entrou no elevador depois era muito idoso e nem percebeu nada. Ou fingiu. Os dois saíram antes de chegar ao térreo e eu fiquei ali, desolada, só com meu passaporte na mão, pois até meus poucos euros que estavam na carteira os desgraçados levaram.

Sem um puto, abordei uma policial na rua e consegui pelo menos chegar de volta ao albergue, onde encontrei a Lu preocupada com minha demora. Nem sabia se contava pra ela ou a poupava de mais uma preocupação. Acabei contando e ela chorou junto comigo, revoltada.

Eu nem sabia o que era isso de tráfico de mulheres, mas, ao ouvir a Lu falando que era essa a cilada, prometi que teria cuidado dali pra frente. Ela me levou para jantar, junto com uma brasileira que encontramos no albergue. Tentamos relaxar, mas estava um ar de velório com a despedida que se aproximava. Depois de uma taça de vinho, a timidez da Lu se foi e me disse com a firmeza da qual eu ia sentir tanta falta semanas depois:

“Você me promete que não vai deixar ninguém te humilhar, merda! Não tem que ter vergonha por tentar uma vida digna, caralho!”

“Pode deixar, Lu.” Ela chorava e me deixava confusa.

E nossa despedida foi doída. Depois disso, mantive contato com Ferreirinha, que foi me enviando dinheiro para pagar as despesas até o retorno dele a Paris. Passei o pão que o diabo amassou nos quartos coletivos de albergue, sem privacidade, sem me comunicar com as pessoas. Prostrada,

num começo de depressão. Aqueles caras no elevador não saíam da minha cabeça. Teve uma semana em que me enrolei com a renovação das reservas e fiquei sem ter onde dormir. Eu ficava renovando as reservas de quatro em quatro dias, pois quem sabe não conseguiria um trabalho ou lugar mais em conta, enquanto Ferreirinha não vinha? Era uma amolação ter que ficar fazendo *check-out* e *check-in* duas vezes por semana, ainda mais com aquela bagagem toda. Numa dessas renovações, marquei a data errada e me ferrei, pois só poderia fazer *check-in* 24 horas depois, já que era fim de semana e Paris estava lotada. Por sorte, uma venezuelana, que entendia mais ou menos o que eu dizia, guardou minhas malas todas no quarto coletivo, enquanto vim pra Gare du Nord passar a noite. Não gosto nem de lembrar desse dia. Lá pela meia-noite e pouca, os guardas me obrigaram a sair e tive que usar o cartão do Ferreirinha para pagar uma diária caríssima num hotel que parecia mais um puteiro na região do *Moulin Rouge*, lá em cima, perto do *Sacré Coeur* aonde cheguei em estado de pânico, trêmula e chorando, depois de subir a pé um trecho bem longo e perigoso àquela hora.

Chegou o Natal e nada do Ferreirinha em Paris. Luzes e mais luzes de fora a fora nas ruas, música em todos os lugares, lojas lindas e o movimento das pessoas comprando, comprando. Aquilo tudo teria feito tanto sentido pra mim em outra época. Só no ano novo ele apareceu. 2019 começando e nossa história desandando, de tanto sofrimento, frio e saudade que estou do Brasil. Um país que maltrata a gente, mas que é o que a gente tem. Comecei a duvidar daquilo tudo, do jeito invasivo e vigilante como Ferreirinha me tratava. Não sou mulher para depender de homem. Mas foram alguns dias bacanas, passeando e namorando. O plano ainda estava de pé de tentarmos chegar em Londres, mas eu já estava mexida com tudo que tinha vivido, com o que a Lu tinha me dito.

Pesquisamos tudo o que você imaginar e decidimos chegar a Londres passando pela Irlanda, onde muitos imigrantes conseguiam ir sem ser barrados. Compramos passagem, arrumamos as malas, avisamos as nossas famílias, fizemos o *check-in* e partimos juntos, no avião. Até à Irlanda, tudo bem. Ao fazer a passagem para a Inglaterra, fui barrada de novo. A cena se repetindo como um filme. A gente se despedindo aos prantos, eu sendo devolvida aqui pra Paris, que eu já não queria ver nem pintada de ouro.

Voltei ao mesmo albergue. Novos hóspedes, os mesmos funcionários, que já me olhavam com uma mistura de pena e ar de gozação. A sensação de humilhação não é coisa que a gente consiga explicar.

Com a ajuda da Lu, comprei minha passagem para o Brasil. Respondi à mensagem de Jéssica, sem conseguir segurar o choro. Frustração, raiva e tristeza, tudo junto: “mamãe chega amanhã, meu amor, te levo um presente.”

Tive que fazer o *check-out* às 10h da manhã no albergue, mas meu voo é só tarde da noite, pelo Charles de Gaulle. Estou aqui na Gare du Nord fazendo hora, vendo centenas de fotos no celular e tentando escrever tudo isso que vivi pra quem sabe entender a loucura que é a vida. Os homens estão desmontando o painel azul de letras brancas. Soube que eram os setenta anos dos direitos humanos

(p. 67-82)